

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	
José Maria do Amaral.....	YLANG-LANG.
O Brazil e os brazileiros....	A. PALIETA.
Bellas Artes.....	ORYC.
Politica e politicos.....	JOÃO DE DEUS.
Proverbio de Salomão.....	CHICO FÉRULA.
Bolos.....	F. D'ALMEIDA.
Madrigaes.....	E. MONTEIRO.
Cartas de Lisboa.....	D. A. VIEIRA.
A Borboleta (poesia).....	CATÃO.
Sport.....	DR. SAHEN.
Crítica Scientifica.....	CYRO DE AZEVEDO
Deus & Filho.....	
Theatros.....	
Factos e noticias.....	D. PASTEL.
Tratos á bola.....	CARRION.
Receitas culinarias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Para boa ordem nas relações do publico e dos nossos assignantes com A SEMANA, declaramos que todas as communicações litterarias, bem como as consultas, devem ser dirigidas — ao director; as que forem concernentes a administração — ao gerente, e quaesquer pedidos de informações ou de pequenos serviços á Redacção, bem como cartas de convite, cartões de ingresso, etc., — ao secretario da redacção.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 26 de Setembro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Não se pôde ter espirito e graça neste paiz!

Por não termos feito no nosso numero passado a *historia dos sete dias* merecemos uma censura do magnífico *Diario Mercantil* de S. Paulo.

Mas, que quer o estimado collega? Quando a semana não tem acontecimentos chronicaveis é um pezadello escrever-lhe a historia e uma massada para o leitor o lel-a.

Não é que nós queiramos privar o paiz dos nossos dizeres alegres e das fulgurações do nosso espirito ridente, não é; é para evitar suicidos e somnolencias.

Esta semana, sim, merece uma biographia demorada; mas não se assuste o leitor pio, que não passaremos da 7ª tira

Occupou principalmente a attenção publica o facto acontecido ao cruzador *Almirante Barroso*.

Este bello vaso de guerra, construido nos estaleiros do nosso arsenal, foi fazer

uma pequena evolução para experiencia de marcha; mas os officiaes da nossa marinha, moços aliás bem preparados e geralmente intelligentes, conhecendo muito bem os mares indicos e europeus, desconhecem quasi inteiramente a nossa bahia, e por isso, quando menos se esperava, o navio encalhou num arrecife perto da ilha do Governador. E agora o verás! Toca a deitar lastro ao mar e alliviar o navio; cincoenta rebocadores a puxar as espias, uma multidão da praia a assoprar para o mar — e a uada o bruto se movia. Espera-se o favor da maré compadecida, roga-se ao todo poderoso (n. 1) e por fim a maré resolve-se a auxiliar o ingenho humano e o navio consegue afinal boiar — é safado!

E tudo isto porque? Porque o governo não quiz dar ouvidos a um conselho que ha muito tempo lhe demos de graça:

Melhor do que nos arsenaes, constroem navios o conhecido e afamado aderecista Domingos da Costa de sucia com os scenographos Frederico de Barros e Huascar de Vergara. E que navios! Todos de proelão superior, fino e leve, com uma alta linha de fluctuação, muito bem pintados, com marinhagem tambem de papelão, com barbas postigas, maquinismo muito bonito de folha de Flandres e velas de algodãozinho.

Quando acontecesse encalhar um navio d'estes, não era preciso mais do que um canivete para o safar.

Mas o governo obstina-se em não attender aos conselhos da experiencia e do patriotismo; aguenta-se agora com as despezas do sinistro.

Quem te avisa teu amigo é.

Adopte o governo o nosso systema e mande-nos a commenda da rosa.

E' quanto nos basta.

Realisou-se tambem nesta semana a contradação da sahida dos velhos e da entrada dos novos subdelegados de policia. Lá foi tambem para o ostracismo o emerito Sr. Leite Borges — o Jupiter das casas de jogo, auctoridade terrivel, terror dos povos do sacramento, Attila dos capoeiras incoerciveis, cyclone de fitão!

O Sr. Leite Borges, que afinal de contas é estrangeiro, para que diabo havia de acompanhar o pardido liberal? Faça-se conservador — e volte.

Mais duas victimas de manifestações, nesta semana!

O furor manifesticida havia-se applacado ha algum tempo. Volta agora de novo. Cuidado!

A hydra adormecida começa a despertar e a erguer o collo.

Uma das victimas foi o Sr. Ex-major Escagnolle Taunay, actual presidente do Paraná, e o instrumento de supplicio foi um album; um album terrivel! tendo na capa um escudo com morrião,

que parecia rir escarninho para a victima imbelles, com esgares crus de metal.

Para abater a ira do monstro, o *felicitado* offereceu-lhe um *lunch* e preparou-lhe habilmente uma indigestão. Foi o unico meio de escapar á morte.

O que não comprehendemos foi a presença do nosso Urbano Duarte no local do crime.

O Urbano! um rapaz pacato, coração de ouro, alma candida, bondade garantida e provada, genio calmo, indole de arminho, mettido em manifestações!

Valha-nos santo Shakespeare:

« Horror, horror, horror! »

A outra victima, o Sr. Antonio Gonçalves Pereira da Silva, foi ainda mais infeliz: offereceram-lhe, além do album, um retrato a oleo! Para cumulo de desventura o retrato foi conduzido por senhoras e, que pavor estranho me accomette! uma d'essas senhoras cravou no peito inerte no Sr. Pereira da Silva um discurso acerado e agudo como um estylete.

Os nossos pezares ás familias dos manifestados.

E tenham esperança. O dia da justiça hade raiar afinal!

Deu-se nesta semana o tristissimo acontecimento da morte do venerando e illustre jornalista e poeta José Maria do Amaral. Não é assumpto para estas columnas alegres; em artigo especial damos aos nossos leitores a nossa impressão do doloroso successo.

Não cabem prantos onde mora o riso.

FILINDAL.

JOSE MARIA DO AMARAL

Falleceu no dia 23, á noite, no palacete da Soledade em Nictheroy o venerando septuagenario que representava a mais pura e respeitavel personificação do Talento, da Honra e da Bondade.

Ao seu enterro não pode comparecer esta folha, porque, por nossa infelicidade, quando tivemos conhecimento da fatal noticia era demasiado tarde para cumprir aquelle dever.

Na carta que tivemos a honra de dirigir ao Sr. Conselheiro Angelo do Amaral, irmão do illustre finado, enviando á desolada familia as condolencias da redacção d'esta folha, pedimos-lhe o relevar-lhe a involuntaria falta

O que foi José Maria do Amaral não pôde ser dito em poucas linhas, tracadadas sob a impressão dolorosa d'esta grande desgraça.

Nunca nos foi dada a ventura e a honra de, como muitos dos nossos mais illustres jornalistas e litteratos — beijar-lhe a mão immaculada, que tão

facil e bellamente tanguia a lyra entuarrada e melancolica da Saudade e do Amor, como lançava, em raptos geniaes o artigo de combate e o artigo doutrinario, uma pagina sobre politica como um capitulo de philosophia.

Apezar da sua avancada idade e da neve dos seus bellos cabellos a nazarena, José Maria do Amaral era um espirito absolutamente moderno, profundamente erudito, senhor de toda a evoluçao scientifica da actualidade, adoptando as theorias philosophicas de Augusto Comte, que elle estudava e commentava ainda nos ultimos mezes da sua longa existencia.

Jornalista de extraordinario vigor, de um criterio perfeitamente seguro e lucido, e dispoindo de uma linguagem patricia, de um estylo activo, acerado, vibrante e terso, elle era um combatente temivel nas lutas da imprensa, onde entrava triumphalmente, como um velho guerreiro medieval nas justas de que sabia invariavelmente vencedor e enramado de louros. O seu vasto saber, servia-lhe a um tempo de pavez e de lança, e nunca arriscava uma theoria ou um paradoxo de que o seu espirito fortissimo não tivesse a demonstração scientifica mais clara e mais explicita.

O presente e o futuro da patria via-o elle tranquillamente, da montanha da sua solidão, como um patriarcha e um propheta, e apontava com a sua mão experiente e consciante, a rota a seguir, o caminho seguro a percorrer. Se a patria lhe não accitou ainda o conselho do espirito consulto, é porque a patria tem apenas olhos para a corrupção e para o aviitamento, e não vê nunca a pureza immaculada, como não ouve a voz do dever e da honra, senão quando as conflagrações sociaes a despertam pela violencia e pelo sangue.

Poeta, ensombraava-o a melancolia dos seus desgostos domesticos, templo onde ninguem tem o direito de entrar, e os sons da sua lyra, ungidos da profunda amargura da sua alma, alavam-se mais para o sol das novas inspirações, e pediam a sciencia em luz, o que a alma do cantor infortunado lhes não podia dar em caricias.

Nos, mocos ainda inexperientes nas dolorosas luctas da vida, muito temos que aprender como o exemplo de intemerata honradez, de singular soberbia e altivez de caracter, de tenaz applicação ao estudo que nos lega o venerando e glorioso ancião que acaba de tombar na noite eterna e ignota do Nada.

Possa a sua alma bondadosa e pura, como um phanal radiante, guiar os passos trumulos e incertos d'esta geração que trabalha pelos mesmos idcaes do illustre morto.

Dizem-nos que entre as suas obras poeticas figura um grande poema, escripto durante a sua estada no Paraguay e uma colleção de mais de dois mil sonetos.

A' sua illustre familia, damos aqui os protestos do nosso mais profundo sentimento pela perda do grande Mestre.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

CARTAS DE UM CHINEZ NO BRAZIL A UM BRAZILEIRO NA CHINA (*)

IV

A ESCRAVIDÃO

Meu caro Luiz.

Já tens uma idéa do que era o Brazil do seculo XVII.

Imagina agora que no seio revoltado d'essa sociedade incipiente, formada dos mais heterogeneos elementos, constan-

temente agitada nas luctas da conquista e da invasão, imagina que nesse enorme fervidoiro de cubicas, de invejas, de traições, de coleras, de vicios torpes e de sentimentos deshonorosos, foram despejados pelos navios do trafico centenas, depois milhares de africanos rudos, selvagens, boçaes, de uma boçalidade feroz.

Imagina a influencia d'esse novo elemento naquella sociedade em formação, tumultuada por interesses oppostos, extremamente diversos; imagina-o estendendo-se, insinuando-se, radicando-se nos costumes, invadindo as relações sociaes como as relações domesticas, deturpando as noções moraes, falseando e extinguindo, por fim, os sentimentos de humanidade e de justiça para com os individuos considerados *cousas* pela maldade humana legificada; imagina-o, e terá idéa resumidissima dos males que a escravidão nos fez.

A sua acção pode ser estudada de triplice ponto de vista:— na economia do paiz, na educação domestica e nas relações sociaes.

Para avaliar os resultados da acção do elemento-escravo na economia do paiz é bastante dirigir um olhar para o seu actual estado financeiro.

Que vemos?

Uma tremenda crise economica, que nos vae approximando rapidamente,— sem que a nossa natural incuria nol-o faça perceber— d'este escolho de precipitosa ruina:— a bancarota.

A lavoura decadente, endividada, desacreditada, crivada de hypothecas e de penhoras, sem braços no presente porque os braços escravos não valem hoje cousa nenhuma, e sem a esperanza de os haver amanha, porque a immigração não afflue, antes affasta-se, espantada pelos tres espectros da febre amarella, da convivencia com o negro captivo e da inépcia dos governos.

Eis, em dois traços, a situação do lavourador brasileiro: do passado—dividas; no presente—o escravo—um cancro, que elle sabe que é mortal, mas que não quer arrancar, porque d'elle tem vivido;—o futuro—um grande zero de treva sobre um fundo rubro de sangue.

O escravo deprecia-se, dia a dia perde de valor á medida que ganha a idéa abolicionista em popularidade. A propaganda quotidianamente arranca um negro ao fazendeiro. Este, assustado, guarda os restantes a sete chaves, grita que o roubam e pede garantias ao governo. Mas que faz o governo? Ou não faz cousa nenhuma, deixando a solução da medonha crise á sabedoria... do tempo,—e tal fez o governo dos Srs. Sinimbú, Martinho Campos, Lafayette e Paranaguá,—ou formúla e faz lei um projecto-monstro, que ha de, a executar-se, ultimar a ruina da lavoura, e com ella a da honra do paiz. Houve um ministro que se exceptuou da vergonhosa norma geral de inépcia e despatriotismo dos governos seus antecessores:—foi o benemerito Sr. conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas; aquelle senador bahiano—lembras-te?—celebre pelo cuidado que se lhe attribuia de bem collocar os filhos e os afilhados, e pela facilidade com que abraçava o proximo.

Pois esse estadista, dantes celebre por abraçar homens, celebrisou-se para a Historia por haver abraçado uma idéa. Elle formulou um projecto prudente, moderado, cujo principal fundamento era a libertação immediata dos escravos sexagenarios. O senador Dantas revelou a lucidez da sua experimentada intelligencia e o seu immenso tino politico no facto de haver trazido para o seio do governo e do parlamento,

—tirando-a da agitação das ruas— a idéa abolicionista.

De prompto a propaganda, que marchava desatinada e cega, acalmou-se e parou em sympathica expectativa.

Esse feito do senador Dantas representa um acto de respeitosa obediencia á opinião publica e o sabio e patriotico reconhecimento da justiça dos seus reclamos.

Esse incalculavel serviço, prestado por este homem de raro valor politico e moral como intellectual, deu-lhe, com o respeito e a estima de todo o paiz, um logar entre os homens «sobre quem poder não tem a morte.»

Mas o senador Dantas cahio, antes de levar a cabo a sna grande idéa; cahio ferido pelos seus proprios correligionarios, os *liberaes*, que, não podendo na cegueira da sua ambição desmedida comprehender o serviço que aquelle homem fazia ao partido d'elles, votado a morte ingloria e ridicula, combateram-no com estúpida ferocidade até derrubal-o. Mas o senador Dantas teve uma quêda de sol; cahio magestosamente, banhado em luz, espalhando a tristeza, a sombra e a saudade; cahio envolvido em mortalha de purpura e ouro, acompanhado pelos hymnos dos escravos—essas negras aves da desgraça, aprisionadas pela ganancia dos homens em uma jaula eterna, que os proprios abutres não conhecem!

Devo dizer-te desde já—para prevenir-te o espanto, explicando-lhe a causa—que a perrice inverosimil, o empacamento cego dos governos em não auxiliar a evoluçao da idéa abolicionista, a teimosia, quasi irracional, em conservar este funesto *statu quo* tem uma explicação facil, naturalissima. E' esta:— Os estadistas Sinimbú, Martinho Campos e Saraiva—os mais ferrenhos sustentadores do escravo—são... *fazendeiros*! Possuidores de grande quantidade de *gado humano*, heroes ou imbecis seriam elles se trabalhassem pelos interesses da patria contra os seus proprios interesses. Sustentados pelo eito, sustentam o eito: é logico. Por isso é que tem sido o eito o legislador da reforma servil; para usar da bella e verdadeira expressao do conselheiro Ruy Barbosa, esse extraordinario orador, um dos talentos que mais honram a tua patria.

José Bonifacio, esse illuminado, mixto de anjo exterminador e de apostolo bemdito, apontou a causa do estacionarismo em que se tem conservado o governo contra a onda crescente da opinião e condemnou as futuras tentativas que partirem de estadistas senhores de escravos, dizendo: «A emancipação dos captivos não pode sahir da cerebração de um fazendeiro.»

Para acabar com esta parte do leve estudo com que te vou entreteendo, dir-te-ei que emquanto se não reformar a «reforma eleitoral», alargando o senso, que é restrictissimo, admitindo ás urnas a maioria dos cidadãos, não se conseguirá nada do Parlamento relativamente á questão do elemento servil. O eleitorado é formado de fazendeiros, de fazendeiros e de dependentes de fazendeiros compõe-se o Parlamento—como conseguir d'elle uma boa reforma, vasada em largos moldes humanitarios?

Seja admittida a maioria do paiz a eleger os seus representantes, e a lei que esses deputados votarem não será mais uma lei de *capitão do matto*.

Ainda muito me falta estudar no assumpto de que, como a passada, se occupa esta carta, e como não quero massar-te não a prolongarei por mais tempo.

(*) Vide *Semana* ns. 30, 32 e 36.

Mostrar-te-ei na seguinte missiva os resultados da influencia do escravo na familia e na sociedade brazileiras, e concluiré historiando, embora ás pressas, a propaganda abolicionista e os seus mais notaveis propugnadores.

Dê-te Bhuda arroz brando e abundante e muita amizade ao teu

YLANG-LANG.

BELLAS ARTES

Ao club Beethoven.

a Good morning! senhores

Até á data de hoje, este humilde rabiscador de papel, cuja reputação é acreditada pelos povos d'aqui e d'alem mar, formava no seu bestunto juizo muito elevado relativamente aos conhecimentos estheticos dos illustres membros de tão conspicua e afaniada sociedade; mas, perdoem-me a franqueza, d'ora avante sou obrigado a julgar os *illustres membros*, tão adeantados em bellas artes como estão os indigenas da Praia Formosa e illhas adjacentes.

As annunciadas conferencias estheticas do Sr. Dr. Antonio Ferrreira Vianna, a reputação artistica do Sr. Kinsman Benjamin, e os nomes de outros muitos membros do citado club, que figuram nas lettras, no commercio e na *haute gomme* fluminenses, levaram-me a crer piamente nesse erro, ou, para melhor dizer, nessa illusão. Infelizmente, veio hora triste e veio momento doloroso roubar-me essa enganadora idéa!

O caso deu-se, ha dias, na *Casa Moncada*, ao ser ali exposto um Beethoven cópiado de Junter, por Mr. Petit. Na moldura d'esta teta ha um cartaz que previne o illustrado publico da propriedade do monumento... bysantino. Réza o aviso: — *Offerecido ao Club Beethoven por alguns socios*. E o illustrado publico, já prevenido por uma pomposa noticia do *Paiz*, em que se diz ser composição de mestre Petit a cópia do infeliz Junter, olha extasiado para a soberba teta, do mesmo modo que os nossos archeologos olharam para a incrição do rochedo da Gavao.

Venho pois, humilde e reverente, pedir aos senhores socios os nomes d'aquelles que se lembraram de adquirir este terceiro Beethoven, que d'esta vez apparece capenga e duro como uma pedra de cantaria.

Quero enviar á posteridade esses benemeritos protectores da arte.

Terminado esta, tenho o prazer e a honra de me subscrever, vosso ex-admirador

Good night!»

A. Palheta.

Falemos agora de alguns quadros que foram expostos durante a semana.

Na *Glacé Elegante* — Paysagem da Provincia do Rio de Janeiro, por A. Parreiras. Ao fundo, um pedaço de serra azul; nimbus que descem até ás agulhas da serra, e uma nesga de mar. Depois areia, vegetação fraca, um mangue em que uma figurinha pateta pesca... talvez carangueijos. E' um quadrosinho que revela habilidade e intelligencia do artista, mas, e isto é para falar com franqueza, o colorido é pallido e monotono, como em todos os seus estudos; em alguns dos quaes chega a ser convencional.

Não se aborreça o joven artista com a minha impertinencia — desejo aconselhar-lhe mais energia nos toques de luz e menos amarello claro na vegetação; e depois, é preciso mais um pouco de contraste de cores e relevo de corpos, tal qual se observa na natureza.

— Da Exm^a Sr^a C. F. F. (amadora)

uma phantasia de vermelhão da China, azul colbat e ultramar, amarello claro e verde inglez.

Tempestade de cores e a arte escandalizada! Um horror!...

Na *Casa Moncada* — Dois estudos de fructos do paiz, por Estevão Silva, um artista tão modesto quanto laborioso e intelligente. Os quadros são bons, bem desenhados e coloridos *d'après nature*.

Na *Casa Vicitas* — Uma paysagem, copiada da praia de Santa Luzia, por Castagnetto. Céu extenso e azul; horizonte levemente vaporoso, e dorso de montanhas azuladas. No primeiro plano um barranco de bello effeito e a parte superior de uma egreja. O barranco está pintado com largueza, e á esquerda, ha uma rustica escada de pedras, que faria inveja ao Grimm. O aspecto geral da pequena teta é de uma tonalidade encantadora, de uma harmonia deliciosa.

Magnifico trabalho!

Na mesma casa o Sr. Dr. França Junior expoz um pequeno estudo de paysagem. No centro do quadro ha um velho casarão; a um lado, no fuodo do segundo plano da esquerda, um pedaço de pedreira. Do primeiro plano até o casarão cresce o capim viçoso que forma largo tapete verde, cuja cor contrasta com a da casa velha. Copas de arvores apparecem por aqui e ali, dispersas, envernizadas pela serena claridade da manhã de Agosto; no horizonte passam nuvens douradas, esparsas, transparentes.

Não se ignora, julgo eu, que o Sr. França Junior é um amador que vale por muitos artistas. De dia a dia os seus progressos são reaes, e n'este ultimo estudo encontra-se o toque facil, o colorido feliz de uma adestrada mão.

Se elle tem geito para tudo! Toca piano, canta, faz versos, faz folhetins, escreve comedias, fala cinco linguas, é magistrado e pinta... quadros a oleo, já se vê.

ALFREDO PALHETA.

POLITICA E POLITICOS

A camara já não da motivo á critica. Primeira victima da derrubada, pregaram-lhe a nota de — Sepulte-se.

Ao movimento do tempo do Sr. Dantas, conseguindo prender a attenção publica, dando a ver um arremêdo de existencia parlamentar, succedeu-a vida passiva, anonyma, da temporada Saraiva, e teve por final a intimativa do triumphador.

O interesse norteou para o senado, e d'ali nos vem os acontecimentos.

O facto culminante dos ultimos oito dias, originou-se de um desatio ironico: —

Assistindo á marcha triumphal do projecto servil, vendo o debate mingoar por falta de adversarios, o senador José Bonifacio, juntando ironica emenda ao artigo do projecto, levou o senado a sancionar a opinião dos que dão pleno vigor á lei de 31.

Nesse cartel do preclaro senador, houve de par com o sarcasmo, atilado recurso de forçar o inimigo á contradicção.

Regeitar a emenda, foi condemnar o projecto, consideral-o em antagonismo com a lei, e só conceder-lhe viagem franca dando-lhe carta de côrso.

O valente parlamentar tem sido accusado de ideologo, *seveia* rhetorica, esforçado luctador perdido nos magicos jardins do palacio de Armida.

E no entanto, quando neste paiz se

agita a questão mais séria e nobre, o problema que interessa aos nossos brios, ao nosso futuro e presente, é elle quem colloca o debate em melhor ponto de estima philosophica, quem se revela mais sabio, mais practico, mais amigo do paiz.

Elle, o primeiro dos seus poucos pares, renova a peripetia homérica da pelega sangrenta em roda do corpo de Patroelo.

E' o escravo o disputado;

E a discussão opulentamente mantida por José Bonifacio, Ottoni, Affonso Celso e outros, hade figurar na historia, em prova de que o interesse da humanidade, a causa do direito, teve amparo.

Além do discurso do senador Affonso Celso, modelo de logica, brava refutação ao projecto quando taxa imposto inconstitucional, sem passaporte na lei orçamentaria, nenhum facto saliente merece commentarios, e o annotador tem apenas deante si, os lamentos blasphemos dos demittidos, e o concerto glorificante dos recém-nomeados.

De uma parte, contorsões e lagrimas, ais desembastados, increpções, soluços; de outra parte, cambiantes de victoria, dulcissimo sorrir dos bem-amados, ironias triumphaes, regabofe de alegria.

Já é tão visto o espectáculo, tão eguaes são as scenas, havendo apenas troca de mascaras,—que o publico nem mais lhes presta interesse.

A repetição, o habito, tiram a esse tão falado bota a baixo, a physionomia tragica dos primeiros tempos. Já não ha trevos onde os proscriptos rangem dentes, a cousa tornou-se chata, commum.

E così va il mondo...

ORV.

PROVERBIO DE SALOMÃO

*Fallax gratia, et rana est pulchri
mulier timens Dominum ipsa laudabitur.*

LIB. PROV. XXXI, 30

A graça illude,
A formosura passa:
Busca a virtude,
E não belleza ou graça.

Lisboa, 18 de Abril de 1885.

JOÃO DE DEUS.

BOLOS

Mais vale tarde do que nunca.

A ingratição é um sentimento preto, feito de treva e cebo.

Dar o melhor da nossa alma, desentranhar-se a gente em affectos, desmanchar-se em caricias, proteger, amparar, aconselhar, dar cigarros, offerrecer phosphoros, pagar o café, dizer que horas são, elogiar, apresentar aos amigos dizendo:—o distincto jornalista F., talento de eleição e alma grande— e receber em paga de tudo isto o vituperio e a affronta, é realmente caso para desesperar santos e causar faniquitos ás onze mil virgens.

Vem tudo isto a proposito do procedimento que a nossa visinha *Italia* teve para conosco, no seu numero de 12 do actual.

Se alguém ha neste paiz que nos deva obrigações, favores e requintes de gentileza, é sem duvida alguma o redactor principal da *Italia*.

Já não falamos do sub-redactor, a quem uma vez salvámos a vida, quando

elle, desesperado pela desillusão de um sonho da mocidade, se queria precipitar do alto do elevador de Paula Mattos. Tomando momentaneamente a forma do conhecido e conceituado dedo da Providencia, amparamos o mancebo imberbe e à força de salutaes conselhos e um nickel, conseguimos convencel-o de que era muito mais prudente pagar a passagem e descer no carro da companhia.

Respondamos por partes:
Para isso, porém, convém transcrever um trecho do catapultuoso artigo da *Italia*:

«Essi parlano quasi l'italiano, e lo devono a noi; fumarono sigari di cui ignoravano persino l'esistenza, e li devono a noi. Hanno assaporato vini italiani, salami italiani, e tutto per noi.»

Vinho italiano! salame italiano!

Mas já não ha raios no ceu nem compendios de geographia nos livreiros!

O vinho de que uma vez nos offereceram meio calice (calice dos de cognac) era vinho de Málaga. Ora, dizer que este vinho é italiano, é caso para fazer corar um collegial de 3ª classe.

Os charutos que nos deram para amostra, em numero de um, não os fumámos, felizmente. Demol-o ao nosso criado que consumio um caixão de foforos para accendel-o e ficou doente oito dias por o haver fumado até ao meio.

Quanto ao salame, comprámo-lo por cinco mil réis (nota nova) e devemos dizer-lhes que não era lá essas coisas...

Diz tambem que nos falamos quasi o italiano.

Não discutiremos aquelle capcioso adverbio de aproximação. Diremos apenas que muito lucrariam os redactores do alias excellente jornal italiano se falassem o idioma de Camões como nos falamos o de Dante.

Se é certo que tropeçamos de vez em quando num sollecismo, mais certo é que os nossos visinhos não são capazes de pronunciar correctamente as palavras em *ão*: redacção, collaboração, exposição, etc.

Aparados todos os seus golpes traicoeiros, sentimos não ser possível restituir-lhes o vinho bebido, mas devolvemos-lhe o salame: podem guardal-o onde lhes parecer.

E cá estamos ás ordens.

Cinco FÉRULA.

MADRIGAES

A abobada celeste vejo escura!
Quando a fito nem uma estrella vejo,
E eu por fio e pelejo
Para as ver na vastissima planura;
No entanto o meu desejo
Morre por essa eterna immensidade,
Buscando a luz em meio à escuridade.

Só diviso a penumbra
Das estrellas mais nitidas e bellas.

Tanto a luz dos teus olhos me deslumbra
Que eu nem vejo as estrellas!

II

Embocco a avena agreste de Virgilio.
Vão-se os módulos sons azul em fora,
E em direcção da Aurora
Bate as doiradas plumas um Idyllo.

O' milagre da frauta mantuana!
Tomam a forma humana
A' musica divina as bellas flores,
E o vergel fica nũ...

Cravo os olhos naquelles esplendores:
Não são flores—es tu!

III

Eu quizera ser Pan para ser tudo!
Tomára à abelha a forma caprichosa,
E mudara-te em rosa
D'esse teu corpo o candido velludo.

Depois, brilhante e mudo,
Voltejanlo em bucolico folgado,
Bejara-te em segredo,
Tão delicadamente, que outras flores,
Tendo p'ra nós os calices attentos,
Não me vissem os brandos movimentos
Das azas multicores.

Então, minh'alma em beijos te daria,
Minha aurora de amor! Sol do meu dia!

Setembro 15, de 1885

FILINTO D'ALMEIDA.

CARTAS DE LISBOA

Uma gravura publicada num dos ultimos numeros do *Occidente* dá-me ensejo para falar hoje aos leitores da *Semana* de um artista de grande merecimento, comquanto seja pouco conhecido do publico.

A gravura de que falo representa o projecto de um tumulo para os restos de Camões, e é trabalho do sr. Alberto Nunes, professor da escola de bellas artes de Lisboa.

Apezar de alguns dos seus trabalhos terem sido publicados pela gravura, e de ser o auctor de uma das estatuas que adornam o monumento da independencia, na avenida da Liberdade, o sr. Alberto Nunes é quasi desconhecido mesmo do publico letrado, e o seu talento é somente apreciado por um pequeno grupo de artistas e amigos que lidam com elle mais intimamente.

Artista de coração, franco e sincero nas suas opiniões, comprehendese perfeitamente que elle viva num quasi isolamento, a sós com os seus projectos e com meia dúzia de amigos, e mais temido que procurado pelos seus collegas, nos quaes, como é natural numa terra pequena e sem tradições artisticas, os talentos não abundam. Artista convicto, pondo os interesses da arte primeiro que os interesses pessoaes, consolando-se e fortalecendo-se com a idéa de que o verdadeiro talento é sempre reconhecido e galardoado, ainda que ás vezes tarde, o sr. Alberto Nunes é incapaz de procurar a recompensa devida aos seus esforços por meios menos dignos da dignidade da arte, não procura impor-se por meio de reclames mais ou menos indirectos ou estapafurdios, hoje empregados por tantos artistas, mesmo de talento.

Lá vae trabalhando sempre, fazendo projectos sobre projectos, que egualmente vae arrumando pelos cantos do atelier, uns atraz dos outros. Excessivamente modesto, de maneiras simples, ninguem dirá ouvindo-lhe o falar despretençioso e *bon enfant*, ou vendo-o passar com o seu grande sobretudo preto, ar grave de velho prior, e um pouco curvado, ninguem dirá que de baixo d'aquelle estofo vae o artista de talento que fez a *Poesia Lyrica*, o projecto de frontão para o asylo do Rato, e o *Genio da Independencia*, tres obras das quaes bastava uma só para fazer uma reputação de escultor.

A sua ultima obra, o projecto de que falei, lembrou-se elle de a fazer um dia que foi aos Jeronymos e vio lá os ossos que, pelo tri-centenario de Camões, para ali foram transportados, ainda no mesmo caixote de madeira e no mesmo sitio em que então ficaram, n'uma capella lateral da igreja, comquanto no programma d'aquella grande festa nacional se declarasse, como um dos prin-

cipaes artigos, o dar sepultura condigna aos ossos de Camões.

Para diminuir difficuldades da parte dos poderes publicos, lembrou-se o artista de aproveitar para lugar do tumulo um dos arcos que ha naquella capella, onde já estão outros tumulos, porque d'esse modo vé-se só uma face do monumento, e nossa conformidade fez o seu projecto, que agora foi dado á estampa pelo *Occidente*, acompanhado-o um artigo do meu amigo Monteiro Ramalho.

Do projecto direi que de todas as obras do seu auctor e esta a que eu julgo a primeira.

O tumulo é em estylo Renascença e compõe-se de um pedestal rectangular, em que assenta a urna que deve conter os restos de Camões. Na urna está sentada a figura do *Genio*, representado por um adolescente, nũ e de azas abertas, em attitude pensativa, tendo nas mãos os attributos do homem de letras — penna e papel. A' sua esquerda, a figura da *Posteridade*, representada por uma creança empunhando uma trombeta voltada para o chão, adeanta-se para coroar o *Genio*, cumprindo a missão de que a incumbio a humanidade de pagar as dividas de gratidão aos seus filhos dilectos.

O monumento é simples, mas d'uma grande elegancia e harmonia de linhas. As figuras são correctamente desenhadas e o conjunto muito harmonioso. Mas, em minha opinião, bastava a figura do *Genio* para que um paiz medianamente educado não deixasse perder uma occasião como esta de possuir uma obra d'arte de que se poderia orgulhar, encarregando immediatamente o auctor de pôr o seu projecto em execução. A estatua do *Genio*, pela belleza serena das linhas e pela impressão admiravelmente achada da *pose*, é uma das melhores inspirações do artista, e deve ser, convertida em monumento, uma obra digna do talento do seu auctor e inteiramente á altura da missão a que é destinada.

Resta agora ver se o governo é d'essa opinião, e se o projecto segue o caminho de outros que estão arrumados no atelier do artista. O Sr. Monteiro Ramalho lembra a idéa de uma subscrição publica para que contribuam todas as pessoas que tomaram parte no cortejo civico do tricentenario, ou que o presenciaram. A mim parece-me vergonhoso o dizer-se algum dia que o governo portuguez não tem dinheiro para pagar um monumento modesto para guardar as cinzas de Camões.

Mas é certo que é mais vergonhoso ainda que nem o governo portuguez nem os portuguezes paguem esse monumento, poucos annos depois das festas de 1880.

E' curioso lembrar que um governo que diz não ter dinheiro para obras d'arte e dá todos os annos premios de contos de réis aos cavallos que mais correm, mandou ha pouco comprar 500 exemplares da obra do Sr. Francisco Gomes d'Amorim—*Garret; memorias biographicas*—... para as bibliothecas populares. Não é máu um presente de 2:500\$000, hão de concordar. Ahi está o que nunca apanharam nem A. Herculano, nem o proprio Garrett, nem os Srs. Theophilo Braga, Camillo Castello Branco, Oliveira Martins, Joaquim de Vasconcellos, Adolpho Coelho, nem o proprio João de Deus, que fez a *Cartilha Maternal*.

A proposito de João de Deus, uma observação e uma noticia.

Sabem que o Sr. D. Antonio da Costa—além de ser um escriptor muito estimado e de os seus livros se venderem pelo

dobro do preço, pouco tempo depois do seu apparecimento,—é um dos que mais têm trabalhado pelos progressos da instrução nacional.

Ainda ha pouco sahio a 2ª edição da sua obra publicada o anno passado: *Auroras da instrução pela iniciativa particular*. Pois nesse livro não ha um capitulo para João de Deus! O auctor da *Cartilha maternal*, essa obra extraordinaria, a mais revolucionaria talvez que se escreveu neste seculo, não tem ali o seu nome senão incidentalmente, ao lado de qualquer Simões Raposo!!

Agora a noticia.

Tive ha pouco nas mãos as provas de uma nova edição dos versos do auctor das *Flores do campo*, que está correndo na imprensa nacional. Esta edição é offerecida ás senhoras de Abrantes, e deve conter todas as suas poesias, exceptuadas as satyricas.

Envio-lhes uma das menos conhecidas, e que só appareceu numa publicação pouco lida.

Para breve lhes prometto uma inteiramente inedicta, expressamente feita para a *Semana*.

A academia de bellas-artistas de Lisboa adquirio ha pouco para o Museu Nacional, por 20 libras, um magnifico desenho por Joaquim Carneiro da Silva, artista pouco falado, mas que neste desenho revela bastante merecimento. O desenho representa as festas do casamento de D. Maria I, e é especialmente curioso pelos costumes.

Joaquim Carneiro da Silva é o artista que gravou a conhecida estampa representando o monumento de D. José por Machado de Castro.

E' pena que a academia pratique acção desta ordem... tão poucas vezes. Mas quem não tem dinheiro... não paga nada.

Está finalmente á venda a *Velhice do Padre Eterno*. E' indescritivel a anciedade que havia em ver a obra, desde que principiou a correr que estava por dias o seu apparecimento. Apesar de estarmos em maré de assumptos interessantes, pode affirmar-se que a obra de Guerra Junqueiro é o assumpto principal. D'onde se vé que as batalhas da intelligencia são muito mais importantes do que as batalhas campaes, e que o auctor da *Velhice do Padre Eterno* nos preoccupa muito mais do que o Sr. de Bismarck.

Na proxima carta lhes falarei de outros livros que se esperam ou appareceram ha pouco. Vamos por agora ler o nosso grande Guerra Junqueiro.

Lisboa, 27 de Setembro de 1885.

EMYGDIO MONTEIRO.

A BORBOLETA

(LUIZ RATISBONNE)

— Oh! que gentil borboleta!

Azul, escarlate e rosa!

Diz o pequeno Arthur. Se ella ficasse quieta!

Hei de apanhal-a!

Logo, em luta furiosa,
Sem respirar, correndo atraz da flor alada,
Consegue aprisional-a. Ia gritar: Victoria!

Quando vio que matara a linda malfadada.

Então, da luta ingloria,

Cansado, eil-o a chorar.

Até que o seu papá o pôde consolar.

Chamava-se Ventura
A iriada borboleta.
Correm-lhe após: inquieta,
Voa da terra ao ceu,
Brilhante, aerea, pura...
Alcançam-na:—Morreu!...

(Comedia Infantil)

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

SPORT

As corridas do ultimo domingo, dadas pelo *Derby-Club*, estiveram na altura d'essa muito distincta sociedade.

Os dois pareos *handicap* (o 1º e o 8º) não devem occupar nossa attenção e o mesmo diremos do 3º, em que *Reyalia* venceu, batendo-se contra dois *bacarmartes*.

O 2º pareo já precisa de analyse. *Sylvia II* em 167 segundos e no freio, foi a primeira a acabar os 1600 metros. *Speciosa* não quiz aborrecel-a e *Garibaldi* tambem nisso concordou. Fizeram beni; perderiam provavelmente e mesmo que se esticassem.

Carmen revelou-se no 4º pareo (1450 metros) muito bom animal. *Sibylla*, embora d'esta vez vencedora, deve ter ficado com a pulga na orelha. Não fosse a pericia do Lourenço Alcoba e haveria um desapontamento geral.

Speciosa em 65 segundos (1000 metros) venceu com dificuldade *Saphira*. *Gaudriole* soube aproveitar a lucta e chegar embolado em 3º lugar.

Foi bem disputada a corrida entre *Comtesse d'Olonne* e *Damietta*, vencendo a primeira os 2400 metros em 162 segundos, tempo magnifico e que dá a ambas diploma de animaes superiores. O Rocha (jockey da *Comtesse*) montou-a sem clicote.

A grande attracção do dia, os 3200 metros e 4:000\$ ao vencedor, pertenceu a *Boreas*, montado pelo Rocha, que habilmente o conduziu, fazendo-o dar o tempo esplendido de 225 segundos. *Talisman* fez muito boa carreira, chegou em segundo lugar e talvez pudesse ganhar se não fosse tão forçado a tomar o meio da raia. *Macaréu* deixou todos brigarem e aproveitou as forças para alcançar o 3º lugar. *Pery* correu na frente, á toda, mais de 2500 metros e matou-se; o velho Luf não teve a necessaria força para regral-o. *Tabajara*, montado por Manoelzinho, desempenhou bem sua missão de proteger *Pery*.

O programma para as corridas de amanhã no *Jockey-Club* é dos melhores, encerrando pareos muito duvidosos.

O tiro de quasi todos, sendo de 1600 metros, nos deverá mostrar entre todos os animaes inscriptos o que dispõe de maior velocidade.

Desejamos uma enchente real.

CANTER.

CRITICA SCIENTIFICA

Recebemos dos Srs. Lombaerts & C., o fasciculo 1º do trabalho do Sr. Dr. Vieira de Mello: *A febre amarella perante os factos*.

O nome laureado do seu auctor, o titulo do folheto e o interesse que pela sua leitura nos pedem os conceituados editores, obrigaram-nos a estudar com muita attenção o trabalho, do que resultou o desejo de fazermos uma pequena critica, com a devida venia do Sr. Dr. Vieira de Mello.

Quem, como S. S., sempre dedicado ao estudo da sciencia medica, em que se tem revelado proficiente e habil, dá á publicidade um trabalho cheio de idéas novas e susceptíveis de serem batidas, não deve extranhar a contestação que aos milhares talvez iam desenrolar-se no campo da imprensa.

Seremos nós os unicos a contrariar o Sr. Dr. Vieira de Mello? Não acreditamos, porque S. S. tenta fazer uma revolução nas idéas scientificas, que reinam ha muito sobre a febre amarella, sendo até cruel e mão para os seus collegas, que têm se esforçado e trabalhado para fazer desaparecer da nossa querida cidade esse flagello que tanto a compromette.

Ao contrario de S. S., reconhecemos dedicacão e estudo na classe medica, que nos tem demonstrado exuberantemente o interesse pela investigação da causa d'essa entidade morbida, que, para infelicidade nossa, conseguiu acclimatar-se aqui.

Se nada se tem podido obter, não é culpa d'esses verdadeiros amigos da humanidade, mas sim da descrença, do desanimo, da incredulidade e da opposição *systhematica* que a inveja e o egoismo muitas vezes fazem surgir.

No seu trabalho sobre a *febre amarella perante os factos* o illustrado Sr. Dr. Vieira de Mello é exagerado nas idéas e, querendo fazer prevalecer as suas doutrinas, crimina o procedimento dos seus collegas, e dirige-lhes pesadas expressões.

Para que ás suas idéas, porém, se firmassem com toda a convicção no espirito de quem o lê, seria preciso que o trabalho elaborado por S. S. fosse a expressão da verdade e inatacavel por qualquer dos lados.

Para que S. S. pudesse ser tão cruel para a classe medica, seria necessario que as doutrinas que expende fosse a ultima palavra da sciencia.

Mas assim não acontece.

No presente fasciculo, em que ha apenas o 1º capitulo (*febre amarella ou impaludismo?*) as idéas accumulam-se de um modo erroneo, como vamos tractar de demonstrar.

DR. SAHEN.

“DEUS & FILHO”

Trouxe-os á terra brasileira o previdente intuito de prepararem seguro abrigo, para quando os varresse o temporal crescente da civilização europeia.

Trouxe-os o ideal de erguerem nestas terras novas grandes feitorias bentas, para compensarem a crise que os asborbera no velho mundo.

A sancta empresa,—denunciada com a firma que tonei para epigraphie, pelo coruscante verso de Guerra Junqueiro,—mandou emissarios a esta porção do mundo que se lhe afigurava um mundo inteiro, para firmar a suzerania combalida.

Esplendida conquista:—immensa a terra, escassa a população, e boa, e crente.

Olympico favorio levou-os ao outro lado da bahia: deu-lhes o povo bençãos, casa e vidualhas. E numa expansão de amor e de confiança, entregou-lhes os filhos, as pobres creancinhas, para naquelles cerebros, cheios de alvorradas, cavarem negruras de creença malsinada. Assim entraram os Salesianos.

E' realmente estranhavel a indifferença com que foram recebidos.

Nem um grito dos que se presumem vedetas da liberdade!

Dir-se-ia que do seio d'esta terra, soberba de vida physica, escapa-se fluido entorpecedor. Que d'essas matas sombrias, das flores das campinas, d'essa natureza opulenta, luxuriosa, sahem emanacões torpes, sollicitações impudicas, a entibiarem a vontade, embriagando o pensamento, chamando o corpo ao goso. Que o excesso de vigor physico, de seiva poderosa da natureza, age hostilmente contra o homem e torna-o amollentado, levando a benevolencia ao crime, a indifferença á ruina do seu pudor e dos seus foros.

Quando a sciencia considera o padre o peor dos mestres, quando o interesse das gerações futuras leva os povos independentes a expulsarem o educador ecclesiastico; quando o estado de hesi-

tação em que ainda se vê o mundo ho-
dierno,—essa dificuldade em ganhar in-
teiro, arregimentado, a larga estrada
do progresso positivo, seguro, humano,
vem do seu passado theologico, vem
do seu quasi-presente metaphysico;—os
salesianos encontram largo asylo em
terras brasileiras!

Possuidor de escravos, e unico a en-
vilecer-se com tão ruim fortuna, o
paiz entrega-se aos padres: marcantes
de um governo vindouro.

Ha logica nessa degenerescencia.

Quando a provincia do Rio de Janeiro
vé de perto a ruina, quando a sua di-
vida amontoadá nem ao menos consente
amortisação seguida, quando emmagre-
cem os mananciaes de renda, surge
na assembléa provincial o projecto de
subvencionar annualmente o collegio
dos Salesianos!

A noticia d'esse gravame aos cofres
provinciaes não acordou opposições.

«Deus & Filho» registra mais um
lucro.

Tartufo,—manso no gesto, educadas
as palpebras para occultarem impru-
dencias do olhar, a bocca sorridente,
unctuosa a palavra,—ainda uma vez
triumpha!

CYRO DE AZEVEDO.

THEATROS

Borghi-Mamo, Sthal, Addini, Tama-
gno, Marconi, Duse-Checchi, Andó,
Rossi, e outros e outros artistas que
tanto applaudimos, não são hoje mais
do que saudosas recordações. Partiram
todos!

Depois de uma quadra de opulencia
—franciscana pobreza.

O velho e estimavel Simões partio
tambem com a sua companhia, que é
bem supportavel.

O Heller ainda peregrina por S.
Paulo.

O Recreio Dramatico, atravancado
por massantes *kermesses*, não trabalha.

Apenas o Circo com os seus conhe-
cidos trabalhos—antes o fossem um
pouco menos!—apenas o Circo offerece
algumas horas de diversão aos que não
gostão de passar as noites na botica,
politicando com os compadres e visi-
nhos ou jogando a bisca em familia.

Não ha outro remedio senão ir ao
Polytheama.

Valha-nos Frank-Brown!

Montedonio e Martins estão organi-
sando companhias:—aquella uma de
dramas e peças topetudas; este uma
de comédias e peças nacionaes.

Para aquella foi contractada a dis-
tincta e estudiosa actriz Helena Ca-
valier, que se desligou da empresa do
Recreio; o que ha de atrapalhar bas-
tante o *Recreio*, *ca va sans dire*.

Serão felizes Montedonio e Martins?

Se o não forem não será porque o
não desejemos sinceramente.

Arthur Azevedo e Moreira Sampaio já
começaram a tratar da revista do anno
de 1885.

O Heller e o Braga Junior dispu-
tam-na para as suas respectivas com-
panhias.

A recita, ao quo parece—encantada,
dos traductores da lenda tragica de
Echegaray—*No seio da morte*, terá logar
com esta peça no dia 7 ou 8 de Outubro
proximo.

Os ditos traductores de Echegaray
vão começar a verter em vernaculo a

a ultima peça d'aquelle auctor:— o
drama em 3 actos, em verso, *Vida alegre
e morte triste*, que fez em Madrid colos-
sal successo, superior ainda ao do *Gran
Galeoto*.

O doutor Luiz de Castro, redactor
chefe do *Jornal do Commercio*, acaða de
escrever a letra para uma cançoneta
comica que será proxivamente cantada
em um dos nossos theatros por estimado
actor de comedia.

Intitula-se *Escaravelho* a cançoneta e
tem entre outras estas interessantes
quadrinhas:

« Minha questão é somente de di-
nheiro
Pois que com o dinheiro tudo se faz
neste mundo;
Respeito quem for commendador e con-
selheiro
Mas contra os pobretões sou sempre
iracundo.

Chamam-me—doudo
Chamam-me velho;
Engana-se o mundo todo
Eu sou o *Escaravelho* »

O Sr. Dr. Luiz de Castro é, como se
sabe, o auctor da applaudidissima peça
Os amores de Roberto, de que, como tam-
bem é sabido, extrahio Sardou a sua
famosa *Theodora*.

Por isso e por serem lindissimos os
versos da cançoneta, como se pode
avaliar pela amostra que demos acima,
não julgamos exorbitante o preço de
duas patacas, pelo qual foram elles
vendidos pelo illustre poeta e come-
diographo ao referido actor.

Estamos anciosos por ouvir o *Escaravelho*,
augurando-lhe nunca visto suc-
cesso.

PEDRO THALMA.

FACTOS E NOTICIAS

« O DOMINGO »

Começou a publicar-se em S. João
d'El-Rei, na provincia de Minas, um
periodico com o titulo *O Domingo*.

São seus redactores os Srs. Jorge Ro-
drigues e José Braga, dois moços de
talento, já experimentados nas luctas do
jornalismo.

O novo jornal mineiro adoptou um
programma exclusivamente litterario,
e promete aos seus leitores: littera-
tura amena, critica litteraria, theses
scientificas ou sociologicas, questões
que se possam discutir em face da Lei
e da Verdade, noticia do que apparecer
de novo e de bom no mundo das letras;
poesias, anedotas, charadas, etc., etc.

E' um jornal que tomou por modelo
A Semana, conforme o seu artigo inicial
declara nas seguintes linhas:

« Quando appareceu na córte *A Se-
mana* e desenvolveu o seu brilhante
programma, nasceu-nos um desejo ar-
dente, que aos poucos foi-se tornando
vontade inquebrantavel, de fundar na
provincia um periodico que seguisse
aquella mesma orientação.

Num meio tão diverso e baldos dos
recursos mais imprescindiveis para em-
presa de tal especie, ser-nos-ia impos-
sivel offerecer as vantagens de que
hoje dispõe a folha de VALENTIM MA-
GALHÃES. Fizemos, todavia, tudo o que
podiamos fazer para que o nosso em-
prehendimento se iniciasse com o mais
que pudessemos conseguir aqui.»

Este facto desvanecese-nos profunda-
mente, e não temos senão que felicitar-
nos por havermos inspirado uma tão
bella idéa, que, realisada agora, muitos
e fecundos resultados promete.

O Domingo, tanto quanto se pôde ver
do seu primeiro numero, é um jornal
bem feito e bem escripto, interessante
e variado.

Enviando ao collega. ao qual já nos
ligam estes laços da egualdade de in-
tuídos e de fins, os nossos sinceros cum-
primentos, desejamos-lhe vida prolonga-
da e feliz.

20 DE SETEMBRO

Chega-nos de S. Paulo o n. 16 de
Il Garibaldi, de que é proprietario e re-
dactor o Sr. F. Turchi.

Este numero é dedicado ao 20 de Se-
tembre de 1870, data em que Garibaldi,
entrando em Roma com suas tropas,
derrubou heroicamente com sua pode-
rosissima espada o poder temporal do
Papa, e a Liberdade, alteando-se por
sobre a patria das Artes, illuminou não
só a velha capital do mundo mas todo o
mundo.

A primeira pagina d'este jornal traz
um bellissimo retrato de Garibaldi.
Nas outras paginas ha artigos firmados
por distinctos escriptores, italianos e
brazileiros.

A *Confederazione Italiana di Rio de
Janeiro*, realizou sabbado passado no
theatro de S. Pedro de Acantara uma
bella festa, commemorativa da entrada
das tropas italianas em Roma e da
queda do Poder Temporal do papa.

Depois de falar o presidente da *Confe-
derazione* sobre a data gloriosa para a
patria de Garibaldi, esse guerreiro
ousado que assombrou o mundo, toma-
ram a palavra diversos cidadãos illus-
tres e teve logar um magnifico con-
certo, apos o qual dançou-se até adian-
tada hora da noite.

Foi uma festa digna de elogios.

No theatro Lucinda, teve lugar no
sabbado a sessão solemne em comemo-
ração do 50º anniversario da revolu-
ção rio-grandense.

Aos distinctos moços que fazem parte
do Club Republicano rio-grandense de-
ve-se a realização de uma festa que
muito agradou e em que bastante so-
bresahiram todos aquelles que nella
tomaram parte.

Entre as pessoas que pronunciaram
discursos achavam-se o nosso collega
José do Patrocinio e o deputado repu-
blicano Campos Salles.

O digno presidente do Club fez num
bello discurso a historia da revolu-
ção, seguindo-se-lhe o orador nomeado,
que pronunciou uma brilhante allocu-
ção.

Muitas distinctas senhoras occupa-
ram camarotes, bem como diversos
membros do partido republicano d'esta
capital e representantes do mesmo no
parlamento.

Depois de muito esperadas e dese-
jadas, realizaram-se, finalmente, no
domingo as regatas na esplendida bahia
de Botafogo, perante uma concurrencia
numerosissima, que occupava quasi
todo o extenso caes que vae desde o
final da rua do Senador Vergueiro até
o Hospicio de Pedro II.

O Club de Regatas Guanabarenses,
como costuma, deu-nos umas regatas
excellentes, cujo programma e resultado
não damos por nos faltar espaço.

A' noite, no salão do Club, estando
presentes muitas distinctas senhoras e
muitos distinctos cavalheiros, impro-
visou-se uma *soirée*, dançando-se ani-
madamente até adiantada hora da noite.

Dois violeiros paulistas, tangeram
nos seus saudosos instrumentos varias
peças de musica admiravelmente exe-
cutadas.

Parabens ao Club de Regatas.

Recebemos um convite da Sociedade Portuguesa de Beneficencia para assistirmos á solemnidade que ali deve realizar-se domingo, ás 10 horas da manhã, commemorativa da inauguração do hospital, com missa solemne e inauguração das estatuas do infante D. Henrique e Pedro Alvares Cabral. Agradecemos.

TRATOS Á BOLA

Apenas cinco *tratistas* nos mandaram d'esta vez cartas contendo decifrações. São estes os seus nomes: *Martinho d'Aras, Joãozinho, Fricinal Vassico, Syaloio e Josephina B.*

O Sr. *Martinho d'Aras* teve espirito, teve mesmo muito espirito, porém não lhe damos o premio porque não acertou.

O seu soneto está bom e interessante, mas a idéa de nos fazer pagar 200 rs. pela sua carta sem sello, é que não é boa nem interessante, carissimo Sr. *Martinho*.

Tem direito ao premio o Sr. *Syaloio*, que, apesar de não ter muita graça nos seus versos, teve a ventura de saber dar *tratos á bola*.

Póde vir buscal-o quando quizer e veja como é bom!

Um exemplar do *Holocausto*, magnifico romance do Dr. Pedro Americo.

O Sr. *Joãozinho* nos mandou umas cousas feitas á lapis, que não nos foi possível entender.

Aquilo que o amigo *tratista* pintou será um banco de carpinteiro?

Fricinal Vassico e *Josephina B.* d'esta vez estiveram infelizes; mas não desanimem em todo o caso.

Eis as decifrações: das invertidas—*Lapa* e *Bola*, da ante-posta—*Poema*, das telegraphicas—*Ballada* e *Pomada*, da quebra-cabeças—*Amazonas* e da em quadro:

CASA
AMOR
SOTA
ARAS

Agora, *tratistas*, preparem-se para as de hoje. Eil-as:

ANTE-POSTA

4— Peão, pagai-o, acho tal luz.

INVERTIDA

2— O infinito d'este verbo invertido é difficil de encontrar.

NOVISSIMAS

2—1 No matto, no matto e no jogo.

1—2— Não fica no entrudo com esse barrigudo.

ANTIGA

Tu muito claro e rapido

No leito me verás—2

Porém sou na grammatica

Preposição, não mais—1

Tanta demora mata-me!

Apressas isto ou não?—1

Que eu sou rapaz da padenga,

Perfeito maganão!—1

Si áquella má juntares

Terrinha sou de truz;—1

Pois sou cidadão esplendida

Da bella Santa Cruz.

QUEBRA CABEÇAS

Iynez, Urias, Ursino, Aprigio, Narico, Alonso, Tancredo, Tiburcio, Guadencio, Raymundo, Gonçalo, Ataulpho.

Colocar estes nomes em columna, de modo que, com as suas iniciaes se forme o nome de uma terra brasileira.

Desistindo da victoria por espirito daremos como premio ao primeiro decifrador um exemplar dos *Quadros e Contos* de Valentim Magalhães e ao segundo um exemplar das *Fanfarras* de Theophilo Dias.

D. PASTEL.

RECEITAS CULINARIAS

CROQUETTES DE COUVE-FLOR

Faça-se ferver uma couve flor até que fique bem cozida, mas inteira, corte-se depois em pedaços do tamanho de uma noz, deite-se num prato, untando-os de manteiga e levem-se ao forno até que fiquem loiros.

Pouco antes de serem servidos, devem os pedaços ser lançados em um prato que contenha a massa, e, retirando-se estes com uma colher, façam-se frigrir em banha bem fresca e logo que estejam dourados tirem-se do fogo e polvilhem-se ligeiramente de sal.

Massa para os croquettes:

Deite-se em agua fria uma quantidade sufficiente de farinha, adicionem-se-lhe duas gemmas de ovos e bata-se tudo bem batido; num outro prato bata-se as claras e ajunte-se a massa, que deve ser espessa, onde se devem lançar os croquettes.

CABRION.

RECEBEMOS

— *O Orgulho*, versos do Sr. J. M. Cardoso de Oliveira, publicados no Recife. Aguarda-os a secção competente.

— *O Mequetrefe* n. 385. D'esta vez o collega sahiiu-se. Estampou logo na primeira pagina o Sr. Cotegeipe, fugindo do projecto Saraiva na figura de um homem trucidado. Apresenta-nos varios typos salientes que percorreram as ruas nas festas do dia 7. O texto, como sempre, ma

— *A Vespa* n. 30. A colleguinha não ficou aquem do *Mequetrefe*. Sahiu-se tambem. Tem aquelle espirito que lhe é peculiar e muito principalmente na pagina em que nos dá a estatua do patriarcha da Independencia, passando por uma limpeza de esponja e navalha. Quanto ao texto, so temos a dizer que nada deixa a desejar.

— *La mod'illustrée* e *Le Salon de la mode*, n. 35^e journal de modas da casa dos Srs. Henri Nicoud & C.

— *Folha do Commercio*, anno I, n. 1. Desajamos ao novo collega uma existencia venturosa e prolongada.

— *Revista Illustrada* n. 117. Bom texto e magnificos desenhos. Magnificos desenhos sim, porque o Angelo é sabido que para estas cousas tem um geitinho especial.

— *O Casamento mizto* do Dr. F. P. de Lacerda Werneck—Recife.

E' importantissima a questão de que se occupa este livro e d'ella trataremos.

— *União Medica*—Revista mensal dos Drs. Moncorvo, Silva Araujo e Vieira de Mello; fasciculo 9.

— *Apontamentos sobre abastecimento d'agua e desapropriações*, pelo Dr. Americo dos Santos.

— *A Illustração*, 2^o anno, n. 16. Traz, como sempre, gravuras escolhidas, primorosas, e texto excellente.

Recommendamos especialmente um admiravel artigo de Eça de Queiroz sobre Victor Hugo.

— *Jornal das Crianças* n. 4. Interessante comó sempre.

— *Revista de Engenharia* n. 121.

— *Tratado Elementar de Philosophia* por Paulo Janet. D'esta importante obra nos occuparemos breve.

De Paris:

— *Le Revolté* ns. 7 e 10.

— *La question sociale*, revista das idéas socialistas e do movimento revolucionario dos dois mundos; 7^o numero. Figuram neste numero, alem de outros intransigentes, L. Blanqui, Elisée Reclus e Luisa Michel com uns versos mediocres. E' *La Question sociale*, no genero, uma excellente publicação.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Con. sultorio:—rua Primeiro de Março, 22 e rua da Imperatriz 29 (Largo do Depósito).

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

CASA DO SOL

(ANTIGA DA RUA DO ROSARIO)

A 36\$, 40\$ e 50\$, cada uma capa de seda ricamente enfeitada—ditas de grenadine com vidrilho a 7\$—Saias bordadas a 2\$500, 3\$ e 4\$—Meias para meninos a 3\$, 3\$500 a 5\$, duzia.—Botões de velludo de cores 600, duzia.—Barbatanas superiores a 600, duzia—Grande sortimento de rendas—Nanzuk superior a 600, 800 e 1\$, metro.—Recherche branco de lindos bordados a 800.—Cretonne francez para lençoes a 700, 800, 900, 1\$ e 1\$200.—Chitas trançadas para

colchas a 500, 700 a 1\$200.—Zephir estampado a 140.—Velludo grenat de cordão a 3\$.—Punhos de linho para senhora, a 2\$400, duzia.—Camisas bordadas para senhora 2\$3000 e 3\$3000.—Meias francezas superiores a 10\$ e 12\$.—Ceroulas de linho para homem a 36\$ e 40\$.—Camisas de puro linho superior a 45\$, 50\$, 55\$ e 60\$.—Collarinhos de linho fino a 6\$500 a 12\$.—Ceroulas de cretonne trançado a 1\$8000.—Chales-mantas de casemira

para meninos a 8\$.—Merinó preto cachemire superior a 1\$400, 1\$600, 1\$800, 2\$ e 3\$.—Cassa de lã preta a 600 e 700.—Brim hamburguez superior com 30 metros para fronhas e toalhas a 19\$, 24\$ e 27\$.—Fitas de velludo preto a 400, 500, 600 a 800, peça.—Brim de linho francez para lençoes com 9 e 10 palmos a 2\$800 e 3\$200 e um completo sortimento de fazendas que só se vendem muito barato e encarrega-se de remetter a seu destino.

97 RUA DA QUITANDA 97
ENTRE AS RUAS DO HOSPICIO E ALFANDEGA

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA CORRIDA DE 27 DE SETEMBRO DE 1885

NO PRADO FLUMINENSE

ÀS 11 1/2 HORAS EM PONTO

Primeiro pareo—MAJOR SUCKOW—1,609 metros—Inteiros e eguas do paiz, de meio sangue, que não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo—Inscrição 20\$000

Nº.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORFS DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Boiardo	Alazão.	4 annos	S. Paulo	51 kilos	Branco e estrellas azues	M. P.
2	Alteza	Libuno	5 »	Idem.	52 »	Branco e encarnado.	Oliveira Junior & Lopes
3	Marengo	Vermelho.	5 »	Idem.	54 »	Vermelho	Coudel. Rio-Grandense.
4	Italia.	Idem.	3 »	Idem	46 »	Verde e amarello	Souza Liberal

Segundo pareo—FERREIRA LAGE—1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Inscrição 25\$

1	Regalia.	Vermelho.	5 annos	S. Paulo . . .	54 kilos	Encarnado e ouro	J. B.
2	Americana.	Tordilho . . .	3 »	Rio de Janeiro	48 »	Branco e preto .	A. Beirão.
3	Guanaco	Alazão tostado.	9 »	Paraná	54 »	Vermelho . . .	Coudel. Rio-Grandense.
4	Douro . .	Alazão.	6 »	Rio de Janeiro	53 »	Verde e ouro . . .	J. L. da Costa.
5	Sartarelle	Preto	5 »	Paraná	60 »	Encarnado e preto	J. W.

Terceiro pareo—INTERNACIONAL—1,609 metros—Animaes de todos os paizes—Premios 1:000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Inscrição 100\$ para estrangeiros e 50\$ para nacionaes,

1	Speciosa .	Alazão.	3 annos	Inglaterra .	51 kilos	Branco e estrellas azues.	E. M.
2	Françoise	Idem.	3 »	França	51 »	Branco e encarnado	Oliveira Junior & Lopes.

Quarto pareo—SUPPLEMENTAR—1,000 metros—Animaes até 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Inscrição 50\$000

1	Gazida . .	Alazão.	2 annos	França . . .	47 kilos	Verde, amarello e faxa.	Souza Liberal.
2	La Ferthé	Alazão.	2 »	Franci . . .	47 »	Verde e amarello . . .	Coudel. Independencia.
3	Fanfaron	Alazão.	3 »	França	53 »	Branco e encarnado. . .	Oliveira Junior & Lopes
4	Speciosa.	Alazão . . .	3 »	Inglaterra .	52 »	Branco e estrellas azues. .	E. M.
5	Gaudriole .	Castanho .	2 »	França	47 »	Azul e ouro. . . .	Coudelaria Aliança.

Quarto pareo—GUANABARA—1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes de qualquer idade e sangue—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—inscrição 40\$

1	Pery . . .	Castanho esc.	6 annos	S. Paulo . . .	54 kilos	Violeta e branco	M. U. Lemgruber.
2	Tabajara .	Alazão . . .	5 »	Idem. . . .	58 »	Preto e branco	M. U. Lemgruber.
3	Sans-Souci.	Castanho . .	5 »	Minas Geraes	54 »	Branco e estrellas azues .	E. M.
4	Talisman.	Alazão . . .	6 »	S. Paulo	60 »	Azul, branco e encarnado	Coudelaria Cruzeiro.
5	Sylvia II.	Idem	4 »	Idem	55 »	Azul, branco, enc. e facha.	Idem.
6	Macareu .	Alazão tostado.	4 »	Idem	51 »	Ouro e facha	Freitas Guimarães.

Quinto pareo—YPIRANGA—1,609 metros—Inteiros e eguas nacionaes de 3 annos, não podendo ser inscriptos os que se inscreverem no pareo GUANABARA—Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo—Inscrição 40\$,

1	Mandarim .	Rosilho . . .	3 annos	S. Paulo . . .	50 kilos	Grenat e ouro.	M. da Cunha Lima.
2	Aurelia	Alazão . . .	3 »	Rio de Janeiro	46 »	Branco e estrellas azues .	Antonio Eug. de Oliveira
3	Sybilla . .	Zaino	3 »	S. Paulo . . .	48 »	Azul, branco e encarnado. .	Coudelaria Cruzeiro.
4	Eolo . . .	Idem.	3 »	Idem.	48 »	Azul, branco enc. e facha.	Idem.
5	Catana . .	Douradilho.	3 »	Idem.	46 »	Preto e encarnado	J. W.
6	Dora . . .	Alazão . . .	3 »	Idem.	48 »	Ouro e facha	Freitas Guimarães.

Sexto pareo—JOCKEY-CLUB—2,000 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios: 1:200\$ ao primeiro, e 250\$ ao segundo—Inscrição 120\$ para estrangeiros e 60\$ para nacionaes.

1	Damietta .	Castanho . .	4 annos	Inglaterra .	59 kilos	Branco e preto	M. U. Lemgruber.
2	Nand. . . .	Zaino	4 »	Idem	56 »	Violeta e branco	M. U. Lemgruber.
3	Curubaiá.	Idem.	5 »	Idem	57 »	Preto e encarnado	Sociedade Animação.

Setimo pareo—CONSOLAÇÃO—Handicap—1,609 metros—Animaes de todos os paizes e idades—Premios: 500\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo—Inscrição 25\$000,

1	Regalia	Vermelho . .	5 annos	S. Paulo	62 kilos	Encarnado e ouro	J. B.
2	Electrica .	Alazão . . .	5 »	Idem	56 »	Preto e branco	M. U. Lemgruber.
3	Fanfaron	Idem	3 »	França	60 »	Branco e encarnado. . . .	Oliveira Junior & Lopes.
4	Aranha	Idem.	4 »	S. Paulo . . .	51 »	Vermelho	Coudelaria Campineira.
5	Principe Alberto.	Zaino	7 »	Paraná	56 »	Azul e branco.	J. L. da Costa.
6	Douro . . .	Alazão . . .	6 »	Rio de Janeiro	58 »	Verde e ouro.	Idem.
7	La-Linda .	Castanho . .	5 »	Rio da Prata.	56 »	Preto e encarnado	J. W.
8	Saphira . .	Zaino	3 »	França	60 »	Azul, branco e encarnado. .	Coudelaria Cruzeiro.
9	Africa . . .	Preto	7 »	Paraná	58 »	Encarnado, preto e ouro	J. C.
10	Flora . . .	Castanho . .	5 »	Rio da Prata.	56 »	Azul e encarnado	Machado.
11	Neva	Castanho . .	2 »	França	48 »	Verde e amarello.	Coudelaria Independen.
12	The witch	Alazão . . .	3 »	Inglaterra . .	62 »	Enc., preto, ouro e facha.	J. P.

Roga-se aos Srs. proprietarios de apresentarem os seus animaes no ensilhamento ás 11 horas da manhã.

Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1885.

O 2º Secretario, HENRIQUE GERMACK POSSOLLO.